

## MISCELÂNEA EM PONTOS DE CONTATO E DISTINÇÕES

---

Este número de *Signótica* da Área de Estudos Literários apresenta uma miscelânea contendo dez artigos e uma tradução. O conjunto apresenta três artigos sobre a poesia em língua portuguesa, sendo dois de poesia brasileira e um de poesia portuguesa; dois artigos de ficção brasileira; quatro artigos de ficção estrangeira, incluindo dois de ficção portuguesa; um artigo sobre leilão de romances no Brasil entre 1848 e 1868; e uma tradução de ensaio. Com este número de miscelânea diversos territórios da crítica literária acadêmica contemporânea são visitados, bem como cobre-se o estudos sobre os dois gêneros da Literatura mais comumente investigados na atualidade, a poesia e o romance. Cabe também observar que o conjunto atende à produção literária desde o século XIX ao século atual.

O primeiro artigo, “João Cabral de Melo Neto e as exigências da crítica da segunda metade do século XX”, considera o pensamento do poeta pernambucano a respeito da literatura e da arte no sentido de seu compromisso crítico quanto à construção da modernidade no Brasil na décadas finais do século XX. Ao longo do artigo observa-se que João Cabral formulou como crítica da obra literária e da arte, bem como aquilo que a crítica literária tinha no horizonte deve direcionar um superação, por acúmulo, de ambas as visões críticas. Por sua vez, o artigo seguinte sobre poesia, “O cultivo da palavra em ‘Poética rural’, de Marilza Ribeiro”, discute como, pelo exercício metalinguístico, esse poema avalia o processo de escrita poética via metáfora do trabalho rural. No desenvolvimento do artigo, conceitos do pós-estruturalismo como “morte do autor” são considerados como próprios da expressão do poema de Marilza Ribeiro. Chega-se a concluir que esse poema, como exemplo da lírica contemporânea, apresenta um sujeito cuja escrita ganham corpo próprio, de modo a deslocar as palavras como se autônoma do próprio texto, de sorte a tirar da autoria o poder de colheita a respeito daquilo que planta. Em certo sentido, que seja do ponto de vista crítico da atividade cabralina sobre a literatura e a arte e sobre a

autocrítica da metalinguagem de “Poética rural”, esses dois primeiros artigos se aproximam. Já o artigo seguinte sobre poesia, “Os dez signos e o grande enterro: leituras de *O astrólogo* e *O novo livro*, de Gomes Leal”, trata de uma leitura dos sonetos “O astrólogo” e “O novo livro”, do poeta português, em relação ao sentimento de decadência finissecular como uma produção de preparação para seu livro futuro, *O Anticristo*. Vale observar que os sonetos destacados são do livro *Claridades do Sul*, de 1875, enquanto que *O Anticristo*, de 1884-1868. De certo modo, como é obra da razão crítica, ainda que na contradição naturalista entre pessimismo e positivismo, na ponta da Modernidade recente, os sonetos analisados, bem como *Claridades do Sul* e *O Anticristo* são produções de um poeta que, embora não tão comentado, corresponde àquilo que no campo do pensamento será Cabral para a poesia brasileira e que se exercita com frequência na poesia atual, a exemplo de “Poética rural”. Não obstante, a obra de Gomes Leal notadamente denominada por uma busca de autonomia de base científica, como clarividência da consciência moderna a formar-se, que se esbarra no irracionalismo na descrença dos próprios valores que se busca.

No bloco mais extenso do conjunto, aquele que diz respeito aos artigos sobre ficção, apresenta-se de início “*Grande sertão: veredas*, *Nove noites* e a construção do ‘eu’ através do ‘outro’”, que trata da posição do narrador frente a um interlocutor desconhecido tanto no romance de Guimarães Rosa quanto no de Bernardo Carvalho, respectivamente de 1962 e de 2002. No artigo, considera-se que ambos os romances expressam a formação da identidade individual a partir de um sujeito alheio – isso é discutido a partir do princípio de “ponto de sutura”, de Stuart Hall em “Who needs identity?”, de *Questions of cultural identity*. A intrigante abordagem alia dois romances brasileiros distantes em quarenta anos a partir do narrador – Riobaldo, no primeiro; e Manoel Perna (um dos narradores), no segundo romance – para discutir que a subjetividade não somente se forma como também somente se expressa no interdito. Já no artigo seguinte, ainda sobre a ficção brasileira, “Escravos, republicanos e imprensa política em *O continente*, considera que as agitações políticas em foco no Brasil no final do século XIX estão dadas no episódio “Ismália Caré”, da trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, mais especificamente do primeiro livro, *O*

*continente*, de 1949. Este livro, ao tratar das missões jesuíticas no sul do Brasil, conforme o artigo, põe em cena as campanhas pela abolição dos escravos e a revolução republicana – para a qual o jornal fundado pela família Cambará, *O Democrata*, serve de instrumento, em oposição ao jornal *O Arauto*, de ideais liberais, da família Amaral. Na sequência, os estudos de ficção apresentados se abrem para a literatura estrangeira, em primeiro lugar para a mais próxima, a portuguesa, com o artigo “Narração como ato de resistência em *O vale da paixão*, de Lídia Jorge”, que aborda um estudo da identidade como processo discursivo atrelado à memória, e trata a narrativa do romance como forma de resistência aos esquecimentos e silêncios familiares. Como no artigo sobre *Grande sertão: veredas* e *Nove noites*, Stuart Hall é novamente visitado. Ainda na literatura portuguesa, o artigo seguinte, “As marcas de subversão do Velho Testamento no romance *Caim*, de José Saramago”, investiga o questionamento do sagrado religioso de base bíblica a partir do princípio de subversão de modo que tanto o tratamento ético da narrativa conforme seus meneios semânticos quanto à própria posição política de Saramago em face da Igreja Católica são colocados em debate. Vale destacar que do conjunto de artigos que investiga a poesia e deste que investiga tanto a ficção brasileira e portuguesa, João Cabral, Gomes Leal e Saramago foram autores que se instalaram em polêmicas contingentes do mundo ocidental pela criação literária.

De modo mais distinto dos blocos de artigos anteriores são aqueles que tratam da ficção estrangeira fora do território da língua portuguesa. O primeiro deles, “As infinitas coleções de Jorge Luis Borges e Italo Calvino”, investiga o princípio de colecionismo como estratégia narrativa do escritor argentino e do italiano a partir da relação que há entre coleção e totalidade conforme os estudos de Walter Benjamin e de Ivette Sánchez, em destaque ao efeito cíclico das narrativas daqueles escritores. Ao final, o artigo suscita uma ideia de efeito de esgotamento esgotado, pois observa-se que toda coleção inclui uma exclusão presente, tornando-se impossível dar conta do mundo pela memória do arquivo ou por qualquer outra, e daí o efeito de infinito nas narrativas de Borges e de Calvino. Já o artigo “Modos de proximidade, em *Solange es schön ist*, de Magdalena Sadlon” retorna à narrativa sobre identidade, não obstante, pela organização do espaço pessoal. Nesse sentido,

embora este tópico já anteriormente abordado em dois artigos destacados, a identidade, retorne à cena deste número de *Signótica*, agora ele é apresentado sobre o signo da interrupção e da negociação. Embora isso, o princípio de que a identidade de um sujeito existe em relação a outro não é deixado de lado. Vale destacar que estudos sobre Magdalena Saldon no Brasil são basicamente inexistentes.

Mais propriamente distinto é o último artigo da miscelânea, “Dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe três. Vendido! – Um estudo sobre anúncios de leilões de livros no Jornal Correio Mercantil (1848-1868)”. Considerando um intervalo de vinte anos da passagem da primeira para a segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro, o artigo investiga estratégias publicitárias de pregoeiros quanto à venda de livros, com destaque para romances. O artigo se ocupa do comércio livreiro à época considerando o lugar social dos romances durante o Segundo Reinado. Ao tomar como foco o comércio de livros, o artigo põe em cena um tópico de investigação pouquíssimo abordado pelos Estudos Literários no Brasil – e, diga-se: pouquíssimo abordado e de grande importância, uma vez que é pelo sobretudo do comércio que os livros circulam, principalmente a partir de meados do século XIX. No âmbito mais amplo do ineditismo, o último texto deste número de *Signótica*, “O canto do mundo” (tradução de *Le chant du monde*, de Michel Collot), é um ensaio que este teórico francês da lírica coloca em cena o problema de o canto mal fazer parte das discussões contemporâneas sobre poesia. O ensaio de Collot discute a hipótese de que o canto lírico não é obra de expressão do eu, mas do mundo, recobrando um princípio próprio da ordem poética da Antiguidade. Essa não individualidade do canto é discutida como resultante da interação entre humanidade e meio. Ao final, algo que em síntese do que desenvolve, Collot contrapõe à especulação materialista de que o canto é da ordem da cultura a partir de breve passagem por fundamentos biológicos de sua realização com uma nota a respeito de que entre os seres vivos o ser humano não é o único capaz de cantar, considerando que o canto é instintivo no pássaro, logo, jamais obra de um eu individual e que, de modo natural, isso não é diferente no ser humano.

Replicando a distinção, própria das miscelâneas, esta evoca a semelhança, a proximidade, jamais no propósito nem no vacilo, isso

que seria produto de um antagonismo. Embora explicitando blocos por unidade de investigação dos dois gêneros literários mais estudados na atualidade, conforme já se destacou, a poesia e o romance, há, conforme se procurou enfatizar, entre os artigos que abordam um mesmo gênero diferenças patentes, na mesma medida em que certos pontos de contato podem ser observados, muito embora não propriamente pelo método, nem pela fundamentação teórica e, conseqüentemente, também não pela linha de filiação crítica. Ainda isso, viu-se que referências comuns em artigos distintos são visitadas. Por sua vez, aberta com artigos sobre poesia, a miscelânea se encerra com um texto de outra natureza, o ensaio, novamente trazendo para a cena a poesia, mas dessa vez da maneira reflexiva de discutir teoricamente a teoria, diga-se, na ordem metacrítica, de sorte que não se postulam elementos para uma teoria da lírica, debatem-se postulados de exigência ou de expectativas da conduta teórica atual.

No conjunto, este número de *Signótica* apresenta em sentido horizontal um lastro dos Estudos Literários contemporâneos, porque apresenta uma espécie de panorama, bem como apresenta em sentido vertical experiências de pesquisas bem particularizadas. Dessa maneira, há contribuição para o campo intelectual acadêmico que se ocupa da literatura em sua produção moderna – conforme se destacou: do século XIX ao século atual – para quem tem interesse muito específico, como também contribuição mais abrangente, a respeito de tópicos teóricos e críticos recorrentes.

JAMESSON BUARQUE